

Élaine Turgeon

Depois do azul

PLATA
FORMA 31

Depois do azul



TÍTULO ORIGINAL *Ma vie ne sait pas nager*
© 2006 Éditions Québec Amérique inc.
© 2017 Vergara & Riba Editoras S.A.

Plataforma21 é o selo jovem da V&R Editoras

EDIÇÃO Fabrício Valério e Flavia Lago
EDITORA-ASSISTENTE Thaise Costa Macêdo
DIREÇÃO DE ARTE Ana Solt
CAPA E PROJETO GRÁFICO Bloco Gráfico
ASSISTENTES DE DESIGN Lais Ikoma e Stephanie Y. Shu
IMAGEM DE CAPA Krista Long | Getty Images
ILUSTRAÇÕES Stéphane Poulin

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Turgeon, Élane
Depois do azul / Élane Turgeon
Título original: *Ma vie ne sait pas nager*
Tradução: Glenda Verônica Donadio e
Silvana Vieira da Silva
São Paulo: Plataforma21, 2017.

ISBN 978-85-92783-31-0

1. Ficção – Literatura juvenil I. Título.

17-05740

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura juvenil 028.5

Todos os direitos desta edição reservados à

VERGARA & RIBA EDITORAS S.A.

Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana

CEP 04020-041 | São Paulo | SP

Tel. | Fax: (+55 11) 4612-2866

plataforma21.com.br | plataforma21@vreditoras.com.br

Élaine Turgeon

Depois do azul

TRADUÇÃO

Glenda Verônica Donadio e
Silvana Vieira da Silva

PLATA
FORMA 21

À minha mãe
Ao meu pai
À vida

*La vie ne sait pas nager.
Je rame, je pédale, je chavire.
Je fais tout ce que je peux
pour ne pas couler.**

Ariane Moffatt
DANS UN OCÉAN

- * Tradução da música “Dans un Océan” [“Em um oceano”] de Ariane Moffatt: “A vida não sabe nadar. / Eu remo, eu nado, escorro a água. / Faço tudo que posso / para não afundar mais.” (N. T.)

Primeira parte

21 de janeiro

A vida tem uma maneira de nos surpreender quando menos esperamos. Como tempestade que se levanta sobre um lago calmo justamente no instante em que acabamos de retirar o colete salva-vidas. É sempre nesse momento que a vida escolhe dar um golpe. Um minuto de desatenção, e PAF! A canoa aproveita para furar e os remos afundam. Não podemos confiar em nada. Essa vida de cão que nos afoga e nos leva junto dela.

Geneviève não havia tido nenhuma dificuldade para encontrar as chaves. A piscina era sua segunda casa. Lá ela passava a maior parte de seu tempo. Quando não treinava com os outros atletas do clube de natação, mergulhava na piscina pequena, para se livrar do peso que carregava permanentemente junto de si.

A água havia sido por muito tempo uma fiel aliada. Herança de um tempo que ela mesma não lembrava, quando sua mãe, grávida de gêmeas, ia buscar ajuda junto ao rio.

“Seria tão fácil entrar nessas águas e me deixar afogar”, pensava então Jeanne.

Em vez disso, Jeanne havia esgotado todas suas forças para dar um fim à gravidez e vencer o dilúvio

de lágrimas que a afogava cada vez mais frequentemente, desde quando se descobriu grávida.

“O que acontecerá com essas duas pequenas criaturas, abrigadas onde habita minha dor? Toda essa preocupação que cava e cava novamente espaços vazios em mim. Como trazer ao mundo seres plenos quando eu mesma sou invadida pelo vazio? Como vou fazer para amar e cuidar dessas duas vidas ao passo que me encontro tão mal comigo mesma?”

Jeanne havia dado à luz prematuramente – como ocorre com frequência em casos de gêmeos – a duas meninas. Cada uma, desde o primeiro contato com o exterior, havia reivindicado sua singularidade. Lou-Anne, gritando até rasgar os pulmões e Geneviève não emitindo nenhum som, de tal maneira que se acreditara, em um curto espaço de tempo, ter perdido uma das gêmeas.


Curiosamente, após dar à luz, a vida pareceu mais simples para Jeanne. Como se a chegada das bebês e todos os cuidados a afastassem da sua dor.

E havia Jacques. Pequena boia luminosa em sua noite negra. Eles se encontraram pela primeira vez em um ponto de ônibus. Quando ele a viu subir no veículo, Jeanne chorava. Ele lhe ofereceu um lenço e propôs acompanhá-la até em casa, depois que ela já havia efetuado o trajeto entre as ruas Sherbrooke e Henri-Bourassa pela oitava vez. Jacques estacionou o

ônibus em uma área proibida, em frente a seu apartamento na Rue Rachel, e foi severamente repreendido por seu superior por não ter conduzido o veículo à garagem da STCUM logo após o turno de trabalho.


Dezoito anos depois, ele ainda encontrava Jeanne no ponto de ônibus, e agora como seu marido. Quando ela entrava no veículo, Jacques sempre lhe oferecia um lenço. Ela aceitava, por educação, e se sentava em um de seus bancos habituais, onde ela podia ver, através dos retrovisores, os olhares amorosos e cúmplices de seu marido.

Mas Geneviève não pensava nem em sua mãe nem em seu pai no momento em que girava a chave na fechadura da porta do vestiário da piscina, às vinte e três horas e quarenta minutos. Ela simplesmente dizia a si mesma que aquela era a última vez que ela realizaria aquele gesto.

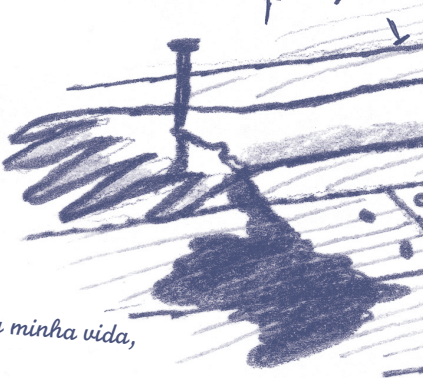


*Fubi nas vigas do sótão.
Estava me sentindo tão mal ali
que já me sentia arrependida.
A viga era tão ~~gelada~~ fria
e mais intransigente que eu mesma.
Não me tolerava
e eu sentia minha pele perfurada por pregos.*

*Ainda estou aqui.
Geneviève, 11 de janeiro*



*Se eu pudesse ao menos fugir da minha vida,
subtrair-me do tédio que é viver.*



21 de janeiro, mais tarde

Preciso fazer alguma coisa. Correr, andar, não importa o quê. Desde que isso me afaste dessas imagens que não param de se formar na minha cabeça. A água que me oprime e me sufoca. Muita água. Toda essa água. E a Geneviève embaixo disso tudo. Eu não posso mais. Minha irmã me deixou aqui e eu não termino nunca de me afogar. Totalmente sozinha.

dois

Tudo havia sido cuidadosamente encenado como só Geneviève sabia fazer. Além do mais, não diziam que ela tinha talento para a tragédia? Na verdade, ela era talentosa e ponto. Seus professores afirmavam que ela tinha uma escrita inspirada. Sombria, mas inspirada. Ela acumulava prêmios no esporte. As paredes de seu quarto eram cobertas de ilustrações que, apesar de mórbidas, testemunhavam certo talento. O desenho sempre lhe permitira exteriorizar os monstros que a atormentavam por dentro.

Na mesma manhã, ela roubou na farmacinha de sua mãe um frasco de sonífero – Jeanne acabara de renovar sua prescrição – e dois comprimidos de acetaminofeno. Geneviève poderia igualmente

ter escolhido outros pequenos frascos de cápsulas gelatinosas ou pastilhas coloridas, pois o armário continha uma boa quantidade delas. Mas, como ela não conhecia seu uso e, sobretudo, seus efeitos, preferiu pegar as que lhe eram familiares. Além disso, lhe acontecia, assim como a sua mãe, sofrer de insônia e de enxaqueca, e aqueles fiéis comprimidos sempre haviam sido de ajuda preciosa. Por que hoje isso seria diferente?

Era a véspera de seu aniversário. Quinze anos. Como seu pai gostava de lembrar, ela conquistaria seu décimo sexto ano.

Habitualmente, a família Boisclair enfatizava o aniversário das gêmeas com muita pompa. Como se, para compensar o fato de elas terem a mesma data de nascimento, fosse necessária uma celebração dupla. Mas este ano, Geneviève havia decidido comemorar de outra maneira.

Ela trouxera seu CD preferido do momento sabendo que o aparelho de som do ginásio lhe permitia tocar uma música repetidamente. Portanto, ela escolheu cuidadosamente a faixa que a acompanharia. A letra da música de Ariane Moffatt ressoava em sua cabeça:

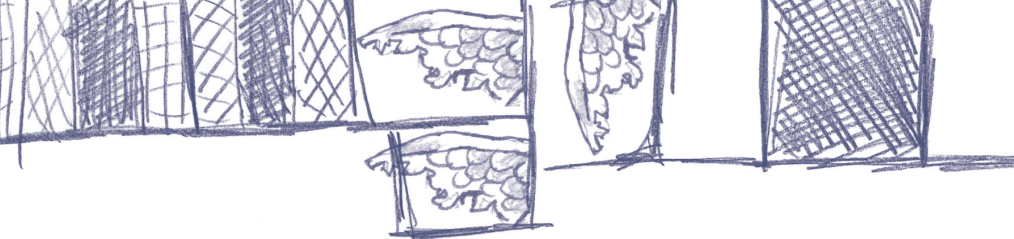
*Je mets mes branchies et je m'enfouis.
Sous l'eau, c'est tellement moins pesant.
Je rince tout ce que j'ai en dedans.*

*Sous l'eau, c'est fou comme je me détends.
Je rêve de vivre dans un océan.**

A adolescente sabia a letra de cor; mesmo que a canção fosse alegre, se transformava completamente na boca de Geneviève. Era como se revelasse um estranho lado sombrio só conhecido por ela.

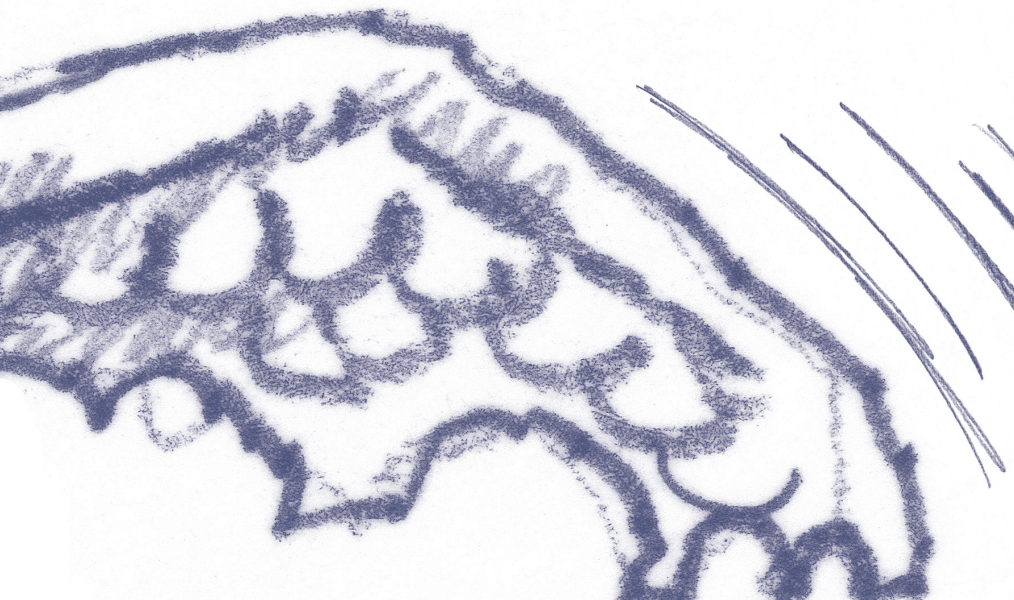
A música se repetia há mais de oito horas quando o grupo 203, constituído por alunos do segundo ano do Ensino Médio, adentrou o ginásio.

* Tradução da música “Dans un océan” [“Em um oceano”], de Ariane Moffatt: “Coloco minhas brânquias e fujo. / Sob a água, é tão menos pesado. / Enxaguo tudo que tenho por dentro. / Sob a água, é incrível como relaxo. / Sonho viver em um oceano.” (N. T.)



Quando estou triste, corto meus cabelos.
No momento em que atinjo a raiz, troco de extremidade.
Corto minhas unhas até sangrarem.
Eu lixo os dentes, me ~~lavo~~ ensaboo até o osso.
Para sempre antes do fim.
É necessário **CRER** que subtrair alivia. ☹

Geneviève, 12 de janeiro





(+ tarde) ↘

Conto as horas que me separam do momento
em que poderei enfim dormir. Se eu pudesse
apenas **dormir**. Os dias e as horas
escoam em um ritmo insustentável. Tenho a
impressão de que cada segundo dura uma
eternidade. Esse tédio nunca mais terá fim?
Eu me afundo em um melão, em uma poça de
areia movediça que não para de me puxar
para o fundo, com a **diferença** de que
minha areia movediça é sem fundo,
sem fim.



Um pai, uma mãe, duas irmãs. E uma avó também.
Uma família tão normal.
E então Geneviève tira a própria vida.
Na véspera dos quinze anos.
A talentosa Geneviève.
Hábil nas palavras, nas artes, nos esportes.
Mas para Lou-Anne, a irmã gêmea, essa tragédia
não pode ser um ponto-final;

Depois do azul, premiada obra da literatura contemporânea,
ganha sua edição brasileira. Uma história poderosa que traz à
tona a delicada questão do suicídio juvenil.

Ao adquirir este livro,
você colabora com o:





COMO VAIOCÊ? CVV.ORG.BR



9 788592 783310

PLATA
FORMA 21

   @plataforma21_